

Os Mensageiros das Estrelas
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
19-21 Novembro de 2014

Maria do Rosário Monteiro

rosariomonteiro@fcsh.unl.pt

(CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores)

Fantasia e Mundos possíveis em Borges e Živković

Primeiro quero agradecer à Comissão Organizadora ter aceite a minha proposta de comunicação, e felicitá-la pelo sucesso que tem sido este congresso, que infelizmente só pude seguir à distância devido a compromissos com a minha Faculdade.

A minha proposta de comunicação tem três objectivos:

Primeiro, fazer uma exposição breve da filosofia dos mundos possíveis, oriunda da filosofia modal e posteriormente adaptada à teoria da narratividade (com os necessários ajustamentos);

Segundo, deixar explícita uma crítica à forma como a compartimentação do saber, fortemente estabelecida durante o século XX, e agora ainda mais apoiada pela sua extensão à prática do ensino universitário, parece pretender, salvo raras excepções, que cada investigador/professor não se atreva a sair da sua área específica de conhecimento, nem que para isso tenha de estar sempre a tentar inventar a roda.

Terceiro, chamar a atenção para a capacidade que a literatura tem de, antes do saber científico, apontar caminhos, postular condições *a priori* que só muito mais tarde a ciência e a filosofia comprovam.

1 – Dos mundos possíveis aos mundos ficcionais

Até às duas últimas décadas do século XX, a literatura era interpretada, fundamentalmente, na sua dimensão mimética, partindo-se do princípio de que há apenas um mundo real para o qual tudo deve confluir. Assim, desde Aristóteles até Frege, na filosofia e Auerbach na teoria literária, os mundos criados pela ficção narrativa eram interpretados tendo como paradigma o mundo real, o mundo da

normalidade comprovada. Toda a literatura que fugisse a esta visão dominante era uma literatura marginal, tolerada mas não estudada, indigna de aceder ao estatuto do verdadeiro romance. Claro que houve exceções, mas essas exceções eram toleradas ou porque o seu autor era considerado um génio, por isso com direito implícito a ter devaneios, ou porque a língua em que a obra foi escrita tinha atrás de si um poder político e cultural tão forte que impunha a referência, no mínimo, a certos autores ou obras, mesmo que depois a crítica não tivesse os mecanismos necessários para proceder a uma análise satisfatória. Será este o caso, na minha opinião, de Kafka, que beneficiou da influência exercida pelos movimentos modernistas na Europa e da busca de modelos alternativos aos tradicionais que estes movimentos preconizavam. Neste ponto gostava de os remeter para a análise de Lubomír Doležel, em *Heterocósmica; Fiction and Possible Worlds*, no capítulo VIII (p. 185-198), onde o autor aborda a questão da análise de obras de Kafka.

A concepção de mundos possíveis surge primeiramente na filosofia, no longínquo século XVII, sendo enunciada por Leibniz. Desenvolvida sobretudo na sua correspondência com Arnauld, Leibniz estabelece a existência de vários mundos possíveis, diferentes do mundo real, presentes na mente onisciente divina, sendo que o mundo real será “o melhor dos mundos possíveis” criados por Deus.

Nos anos 60, Saul Kripke, sem fazer referência a Leibniz, propõe uma estrutura modelar para a lógica modal e interpretou-a em termos de mundos possíveis, o que com a contribuição de vários filósofos, levou à reformulação da lógica modal “baseada na hipótese de que ‘o nosso mundo real está rodeado de uma infinidade de outros mundos possíveis’” (BRADLEY e SWARTZ, 1979: p. 2; DOLEŽEL, 1998: p. 12-13).

Em 1983, Thomas Kuhn afirma que:

“um mundo possível é muitas vezes explicado como uma das formas que o nosso mundo real poderia ter tido [...] Assim, no nosso mundo, a terra tem apenas um satélite natural (a lua), mas há outros mundos possíveis, quase semelhantes ao nosso, excepto que [nesses mundos] a terra tem dois ou mais satélites ou até mesmo nenhum. [...] Há também mundos menos parecidos com os nossos; em alguns não há a terra, outros em que não há planetas e ainda outros em que nem mesmo as leis da natureza são semelhantes” (KUHN, 1989: p. 13).

O trabalho de fundo de Doležel (DOLEŽEL, 1998), em que é acompanhado por Umberto Eco (ECO, 1997), e por Marie-Laure Ryan (RYAN, 1992; 2001; 2006), entre outros, residiu na adaptação da teoria dos mundos possíveis da lógica modal à

semântica narrativa, aproveitando a ideia de que as narrativas criam mundos possíveis não reais (ou seja fisicamente não existentes), constituídos por seres individualizados (personagens) que estabelecem relações entre si, praticam acções tendo em vista determinados objectivos e consequências, ou sejam, contam uma história: uma sucessão de acontecimentos, que ocorrem num determinado espaço e tempo. Esse mundo ficcional, a que o leitor tem acesso pela leitura, pode, como os mundos da lógica modal: ser semelhante ao mundo real, ser diferente em alguns aspectos, ou ter mesmo características e leis físicas incompatíveis com as do mundo real.

Torna-se assim possível adaptar, com os constrangimentos inerentes à especificidade do mundo ficcional, uma forma de analisar os mundos ficcionais independentemente da sua relação mais ou menos directa com o mundo real.

Para qualquer tipo de texto narrativo é sempre pedido ao leitor que, enquanto durar a leitura, abandone o mundo real e, através da linguagem e dos mecanismos próprios da retórica literária, tente tornar-se no “leitor modelo”, definido por Eco, aquele que tenta descobrir toda a riqueza e estratégias que o “autor modelo” utilizou para transmitir a sua história.

Todos os mundos ficcionais são mundos incompletos, que requerem a participação activa do leitor que deverá fazer uso da sua enciclopédia pessoal de conhecimentos para completar ou colmatar as falhas que o mundo ficcional necessariamente apresenta. Daqui se conclui que, quanto mais vasta for a enciclopédia pessoal de cada leitor mais rica será a experiência de leitura, mais benefícios retirará o leitor das experiências que, pela leitura, partilhou com as personagens.

Por outro lado, o próprio autor, para escrever a sua narrativa, teve de se basear no mundo real, nem que seja para não seguir as leis conhecidas e as regras estabelecidas, inventando e construindo universos ficcionais mais ou menos complexos, quer em termos da quantidade de elementos adoptados/transformados, quer através dos mecanismos de auto-desconstrução do texto, frustrando as expectativas do leitor, criadas com base num conjunto de pressupostos paratextuais.

2 – Consequências da extrema compartimentação do saber que leva à incomunicabilidade entre áreas diferentes do mesmo

Exposta, muito resumidamente, a teoria dos mundos ficcionais, que entre outras coisas nos permitem tratar as personagens como seres particulares com identidade própria e não como sucedâneos de um qualquer ser do mundo real, entre muitas outras coisas, passemos à parte da crítica ao estrangulamento, que eu considero prejudicial,

entre as diversas áreas do saber.

Não pretendo advogar que todas as teorias podem ser usadas em todas as áreas. Como vimos com o caso dos mundos possíveis da filosofia modal e a semântica dos mundos ficcionais, houve a necessidade de adaptar a primeira teoria à especificidade da narratologia em geral e da narratologia literária em particular (por ex: para a filosofia modal os mundos possíveis são mundos completos em si mesmos, o que não acontece com os mundos ficcionais).

Refiro a um outro aspecto: o da aparente incapacidade das humanidades de conhecerem o que se faz no mundo da ciência e vice-versa. Usando o exemplo dos mundos possíveis, vimos que a sua primeira formulação foi feita por Leibniz no século XVII, dentro dos constrangimentos culturais e científicos da época, sendo depois desenvolvido de outra forma nos finais dos anos 60 do século XX, e chegando à teoria literária quase três décadas depois.

Se nos virarmos por um momento para o domínio da física do século XX descobrimos, por exemplo que, a partir dos anos 20, quando a física quântica dava os primeiros passos, a ciência se confrontava, pela primeira vez, com a impossibilidade de estabelecer leis universais no que se referia ao domínio quântico, portanto subatômico, sendo que apenas seria possível desenvolver **interpretações**, pois os resultados no domínio quântico, apenas podiam ser observados *a posteriori*, e até ao momento da observação os átomos estavam potencialmente em todos os estados possíveis da sua composição.

Em resultado de uma troca de ideias entre Schrödinger e Einstein, o primeiro concebeu uma experiência mental (é o facto de interpretações na física quântica se basearem em experiências mentais que leva alguns físicos a considerarem que se está mais no domínio da filosofia do que da física, uma vez que não é possível, ao nível subatômico, observar a evolução da experiência do princípio ao fim e algumas reacções são contraditórias com os dados observados).

Foi a experiência do gato de Schrödinger que, abreviado aqui o relato, concluiu que, só quando se abrisse a caixa para ver se o gato estava vivo ou morto se poderia tirar uma conclusão concreta, mas no intervalo de tempo em que o gato permanecesse dentro da caixa, ele estaria simultaneamente vivo e morto.

Porquê recordar esta experiência? Porque vai ser a partir desta interpretação, feita em 1935, que 20 anos mais tarde, um outro físico quântico proporá uma outra interpretação para o mesmo problema. Trata-se de Everett, que defende que, em vez de

termos, durante o intervalo de tempo em que o gato está dentro da caixa, um gato que está simultaneamente vivo e morto, portanto uma situação em que nada é real até que seja observado, Everett defende que tudo é real, mesmo que não o vejamos. Isto é, o átomo dividiu-se e, num mundo o gato morreu, noutra mundo o átomo não se dividiu e o gato não morreu. Num mundo o “observador₁” vê o gato vivo, noutra mundo o observador₂” vê o gato morto. Ou seja, sempre que há uma probabilidade de 50/50, as duas ocorrem originando mundos diferentes.

Esta interpretação dos Muitos Mundos chega, por caminhos diferentes, ao conceito da lógica de que “**o mundo real está rodeado de uma infinidade de mundos possíveis**” (BRADLEY e SWARTZ, 1979: 2), e ao conceito da teoria da narratividade quer defende que os mundos ficcionais são “**um conjunto ilimitado e maximamente variado**” (DOLEŽEL, 1998: 19)

3 – A literatura antecede frequentemente o conhecimento científico e filosófico.

É minha convicção, que uma das funções da literatura é imaginar o que poderia ter sido, mas também apresentar o que é, antes de o podermos comprovar por outros processos. Estas características da literatura são precisamente as que nos preparam para vermos mais longe, para irmos para lá do mundo conhecido e rarefeito das convenções, da chamada “realidade consensual”, que mais não é do que uma ficção partilhada por um colectivo cultural.

Primeiro exemplo:

No século XVI, Camões escreveu o seguinte soneto:

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
**Todo o Mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.**

Continuamente vemos novidades,
Diferentes em tudo da esperança;
Do mal ficam as mágoas na lembrança,
E do bem, se algum houve, as saudades.

**O tempo cobre o chão de verde manto,
Que já coberto foi de neve fria,**
E em mim converte em choro o doce canto.

E, afora este mudar-se cada dia,
Outra mudança faz de mor espanto:
Que não se muda já como soía.

É claro que deste soneto podemos tirar várias interpretações, mas peço-vos que

se concentrem sobretudo nos versos a negrito que são os que importam para o nosso caso. Camões constata que o que caracteriza o mundo e os seres humanos é a mudança contante. Porém, este saber que para nós é hoje evidente, só vem a ser reformulado três séculos mais tarde por Lavoisier, proferindo a sua célebre afirmação de que: “Na Natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”. (1794)

Claro que Lavoisier tinha razão, mesmo ao nível da física quântica, o que podemos constatar não é a criação de novos elementos mas a sua transformação em compostos diferentes, quando pensamos nos mundos possíveis da filosofia eles são o produto de uma reflexão, e os mundos ficcionais resultam de um trabalho específico da linguagem comum.

Outro breve exemplo. Antes de Schrödinger desenvolver o seu exercício mental do gato na caixa esperando morrer ou ficar vivo (1935), um poeta norte-americano, Robert Frost escreveu, em 1921 o seguinte poema:

The Road Not Taken

Two roads diverged in a yellow wood,´
And sorry I could not travel both
And be one traveler, long I stood
And looked down one as far as I could
To where it bent in the undergrowth;

Then took the other, as just as fair,
And having perhaps the better claim
Because it was grassy and wanted wear,
Though as for that the passing there
Had worn them really about the same,

And both that morning equally lay
In leaves no step had trodden black.
Oh, I marked the first for another day!
Yet knowing how way leads on to way
I doubted if I should ever come back.

I shall be telling this with a sigh
Somewhere ages and ages hence:
Two roads diverged in a wood, and I,

**I took the one less traveled by,
And that has made all the difference.**

Mas os exemplos que eu gostava de explorar com mais profundidade são os de dois contos: “O Jardim dos Caminhos que se bifurcam”, de Jorge Luís Borges (1941) e “A Biblioteca Virtual”, de Zoran Živković (2002)

Começando pelo conto de Borges, o leitor é confrontado logo de início com uma obra cujo título está errado mas o autor nomeado, Liddell Hart (nome completo Basil Henry Liddell Hart) é um autor real que, de facto, escreveu sobre a guerra. Porém, à data da escrita de Borges, a obra a que se podia referir seria necessariamente *The Real War (1914–1918)*, publicada em 1930 (Liddell Hart, 1930), posteriormente designada por *A History of the World War (1914–1918)* (Liddell Hart, 1934). Daí Borges retira o episódio de um atraso inesperado num ataque aliado. Este atraso seria depois explicado, diz o narrador, por um texto incompleto assinado por Yu Tsun, supostamente um catedrático de inglês em Tsingtao, cidade portuária chinesa sob domínio alemão, que seria sitiada em 1941 por tropas inglesas e japonesas.

Subtilmente, o narrador, mistura dois acontecimentos e dois espaços, para depois centrar a narrativa da acção, ao estilo de um conto policial ou de espionagem, em plena Inglaterra. Ficamos a saber que Yu Tsun era um espião ao serviço dos alemães e que tinha uma mensagem a transmitir para Berlim, tarefa que parecia impossível devido à perseguição feroz de que Yu Tsun estava a ser vítima.

Neste ponto entramos, de forma sinuosa, mesmo labiríntica, numa aventura onde o bizarro bisavô de Yu Tsun acabará por desempenhar o papel centrar. Tratava-se de Ts’ui Pên, membro de uma respeitada família chinesa que abandonou a vida pública para se enclausurar durante treze anos para escrever um romance e construir um labirinto “em que se perdessem todos os homens” (BORGES, 1998: 84). Assassinado por um forasteiro, os descendentes ficaram com um romance que “não fazia sentido e ninguém encontrou o labirinto” (BORGES, 1998: 84). Sobre o livro diz Yu Tsun:

O livro é um acervo indeciso de rascunhos contraditórios. Examinei-o umas vezes: no terceiro capítulo morre o herói, no quarto está vivo. (p. 86)

Parece que encontrámos novamente o gato de Schrödinger (1935). Mas ao longo da narrativa acabamos por perceber que Borges vai já para lá da interpretação quântica aceite à época e desenvolve, antes do tempo, a concepção dos muitos mundos, infinitos

na sua dimensão. Será um erudito inglês, de nome Stephen Albert, que apresentará a Yi Tsun os meios para compreender a obra do antepassado de Yu Tsun e a solução para o presente: a visão de uma rede labiríntica de caminhos desencadeada pelas escolhas que geram outros tantos caminhos, “os vários porvires”.

A releitura da obra confirmou esta teoria. Em todas as ficções sempre que um homem se defronta com diversas alternativas, opta por uma e elimina as outras; na do quase inextricável Ts’ui Pên opta – simultaneamente – por todas. Cria assim diversos porvires, diversos tempos que também proliferam e se bifurcam. (p. 88)

O que falta nesta narrativa de Borges é a junção do tempo com o espaço: tempos diferentes ocorrem em espaços diferentes, ou por outras palavras, cada opção tomada em determinado momento gerará uma infinidade de outras realidades, noutros espaços e noutros tempos. (Cerca de quinze anos depois, Everett apresentará a sua ainda controversa Interpretação dos Muitos Mundos.)

Mas porque Borges está a escrever uma narrativa policial/espionagem, Yu Tsun descobre no livro a resposta para o seu dilema: como fazer chegar a Berlim a informação secreta? Matando Alfred, Yu Tsun indicará aos alemães o nome do quartel-general das tropas aliadas em França: o quartel general de Alfred, referido por Liddell Hart na sua obra histórica, e de onde saiu a decisão de adiar o ataque.

No conto de Živković, a “Biblioteca Virtual” estamos perante uma narrativa de primeira pessoa (em Borges as perspectivas multiplicam-se) em que um escritor descobre, numa página da internet, uma Biblioteca virtual que anuncia “Nós temos tudo” (ZIVKOVIC, 2005: 11). Este é ainda o sonho de todos nós, encontrar uma biblioteca que contenha de forma acessível tudo o que foi escrito nos “últimos cinco mil anos”, incluindo todas as obras perdidas.

Ao aceder ao seu nome no campo de pesquisa, o narrador encontra uma fotografia sua, cuja origem não consegue identificar, uma “biografia concisa” que apresentava como data da morte nove anos diferentes:

O ano mais próximo estava à distância de uma década e meia no futuro, enquanto o mais afastado separava-me ainda quase meio século. (ZIVKOVIC, 2005: 13)

Do lado direito do ecrã constavam as três obras já publicadas, mas incluía mais 18 obras que o autor ainda não tinha escrito:

Aqui também foram usadas duas cores. Os meus três livros realmente publicados estavam escritos a preto, enquanto as restantes dezoito obras estavam a branco.

estes últimos títulos estavam listados por ordem cronológica. o primeiro era do ano seguinte, enquanto até à publicação do último ainda faltavam passar quatro décadas. (ZIVKOVIC, 2005: 14)

Confrontado com esta situação insólita, esta futurologia indeterminada, o narrador entra em contacto, por email, com os responsáveis da página e expressa toda a sua indignação, incluindo a defesa dos seus direitos de autor, e o repúdio por tal acto de pirataria informática.

Da troca de correspondência, que desenvolve um jogo irónico, o leitor descobre que a página desaparece depois do primeiro contacto, deixando de estar acessível mesmo ao escritor/narrador, e quando este interroga os autores da página sobre a autenticidade das obras citadas mas ainda não escritas, e sobre a incerteza quanto à data da sua morte, a resposta lança o leitor, mais uma vez, na problemática dos mundos possíveis:

Não temos, infelizmente, a possibilidade de informar quando vai morrer. O futuro não pode ser previsto de uma maneira simples. Todas as nove possibilidades estão equiparadas neste momento. O acaso decidirá qual delas se tornará real. A sua bibliografia contém todas as obras de todos esses futuros. Entretanto, em nenhum dos ramos da vida que o esperam, para usar o sentido figurado, escreverá ou publicará todos os dezoito. A sua obra subsequente incluirá o máximo de onze, e o mínimo de seis livros. Só no nosso *site* é que pôde ter visto as obras na sua totalidade. Esperamos por isso ter justificado o nosso *slogan*. [Nós temos tudo!]
(ZIVKOVIC, 2005: 19-21)

Neste conto, ao contrário do que sucede no de Borges, o narrador/personagem recusa-se a compreender o mundo das probabilidades e das possibilidades, mantendo-se preso, teimosamente, à visão de um mundo único, o mundo real da experiência concreta e comprovável por leis imutáveis. Para ele, os mundos possíveis não existem, e por isso é incapaz de se recordar dos títulos dos dezoito romances ainda inexistentes, dos quais escreverá entre seis a onze obras.

Os dois contos abordam a mesma temática: os mundos possíveis, não só em termos filosóficos mas também em termos científicos, e ambos confrontam o leitor com duas hipóteses das quais ele terá de escolher uma:

1 – Acreditar que o mundo real é apenas um entre muitos mundos possíveis construídos quer conceptualmente quer fisicamente através das escolhas feitas por cada indivíduo. (neste caso **talvez** sobreviva, como aconteceu a Yi Tsun)

2 – Acreditar que o mundo real é o único que existe e descartar todas as possibilidades que de algum modo conflituam com as concepções do mundo real, mantendo-se fiel à imagem que tem de si mesmo e do mundo que o rodeia. (e acabar a ler todo o tipo de spam que surgir na caixa de correio, na esperança de reencontrar aquele breve momento em que vislumbro os seus futuros possíveis)

Obrigado

Bibliografia:

- Borges, Jorge Luis. (1998) "O Jardim dos Caminhos que se Bifurcam". *Obras Completas 1923-1949*. vol. 1. Lisboa: Teorema, 490-498.
- Bradley, Raymond e Swartz, Norman. (1979) *Possible worlds: an introduction to logic and its philosophy*. Indianapolis: Hackett Pub. Co.
- Doležel, Lubomír. (1998) *Heterocosmica: Fiction and Possible Worlds*. Baltimore: John Hopkins University Press. ISBN: 9780801867385
- Eco, Umberto. (1997) *Seis Passeios nos Bosques da Ficção*. Tradução de Wanda Ramos. Lisboa: Difel.
- Kuhn, Thomas S. (1989) "Possible Worlds in History of Science". In: ALLÉN, Sture (ed.) *Possible Worlds in Humanities, Arts and Sciences: Nobel Symposium on Possible Worlds*. Berlim: Walter de Gruyter, 9-32.
- Liddell Hart, Basil Henry Sir. (1934) *A History of the World War, 1914-1918*. Second enlarged edition of *The Real War*. London: Faber & Faber.
- . (1930) *The Real War, 1914-1918*. [With a bibliography and maps.]. London: Faber & Faber,
- Ryan, Marie-Laure. (2006) "From Parallel Universes to Possible Worlds: Ontological Pluralism in Physics, Narratology, and Narrative". *Poetics Today* vol. 27 (4): 633-674. ISSN.
- . (2001) *Narrative as Virtual Reality: Immersion and Interactivity in Literature and Electronic Media*. Baltimore: Johns Hopkins University Press. ISBN: 9780801877537 E-ISBN: 9780801876813.
- . (1992) *Possible Worlds, Artificial Intelligence, and Narrative Theory*. Bloomington: Indiana University Press. ISBN: 978-0-253-35004-6.
- Zivkovic, Zoran. (2005) "Biblioteca Virtual". *Biblioteca*. Lisboa: Cavalo de Ferro, pp: 9-21.